

PROTAGONISMO NEGRO COMO PRODUÇÃO DE TEORIA: INTELECTUAIS, MOVIMENTO NEGRO E DISPUTAS DE FUTURO NO BRASIL

**BLACK AGENCY AS THEORY PRODUCTION: INTELLECTUALS, THE BLACK
MOVEMENT, AND CONTESTS OVER THE FUTURE IN BRAZIL**

Ciências Humanas • 15/07/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/783652598](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/783652598)

Cinthia Aparecida Lemes

RESUMO

Este artigo problematiza a tendência recorrente de reduzir o protagonismo negro à ideia de resistência, sobrevivência ou reação ao racismo. Em contraposição, sustenta-se que o protagonismo negro, especialmente nos séculos XX e XXI, deve ser compreendido como produção ativa de conhecimento, formulação de agendas políticas, criação cultural e disputa de memória. A partir de bibliografia centrada em Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Amilcar Araújo Pereira, Antonio Sérgio Guimarães, Petrônio Domingues e na produção cultural dos Racionais MC's, argumenta-se que intelectuais e movimentos negros no Brasil não apenas reagiram às estruturas de dominação racial, mas construíram conceitos, interpretações e projetos de sociedade. Nesse sentido, o protagonismo negro se afirma como prática histórica de elaboração teórica e intervenção pública, capaz de deslocar a narrativa de subalternidade para uma narrativa de autoria, agência e futuro. Ao final, defende-se que a história do pensamento social brasileiro é incompleta sem a centralidade das produções negras que pensaram o país a partir da experiência racializada, da crítica ao racismo estrutural e da invenção de formas coletivas de vida.

Palavras-chave: protagonismo negro; intelectuais negros; movimento negro; pensamento social negro; Brasil.

ABSTRACT

This Article Critically Examines The Recurring Tendency To Reduce Black Agency To The Notions Of Resistance, Survival, Or Reaction To Racism. In Contrast, It Argues That Black Agency—particularly In The 20th And 21st Centuries—should Be Understood as The Active Production Of Knowledge, The Formulation Of Political Agendas, Cultural Creation, And The Contestation Of Memory. Drawing On

Scholarship Centered On Figures Such as Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Amílcar Araújo Pereira, Antonio Sérgio Guimarães, And Petrônio Domingues, as Well as The Cultural Output Of Racionais MC's, The Article Argues That Black Intellectuals And Movements In Brazil Did Not Merely React To Structures Of Racial Domination But Constructed Concepts, Interpretations, And Societal Projects. In This Sense, Black Agency Asserts Itself as a Historical Practice Of Theoretical Elaboration And Public Intervention, Capable Of Shifting The Narrative From One Of Subalternity To One Of Authorship, Agency, And Futurity. Finally, The Article Contends That The History Of Brazilian Social Thought Is Incomplete Without Acknowledging The Centrality Of Black Intellectual And Cultural Contributions That Conceptualized The Country Through The Lens Of Racialized Experience, Critiques Of Structural Racism, And The Invention Of Collective Ways Of Life.

Keywords: Black Agency; Black Intellectuals; Black Movement; Black Social Thought; Brazil.

1. INTRODUÇÃO

A história dos sujeitos negros no Brasil tem sido frequentemente narrada a partir de categorias que, embora pareçam reconhecer sua presença, acabam por limitar sua agência. Expressões como “resistência”, “sobrevivência” e “luta contra o racismo” são importantes, mas insuficientes quando utilizadas como chave exclusiva de interpretação. Elas tendem a situar o protagonismo negro apenas em uma posição reativa, como se a população negra existisse sobretudo em resposta à violência racial e não também como produtora de teoria, de projetos políticos, de linguagens estéticas e de diagnósticos sobre a sociedade brasileira. Essa limitação conceitual é especialmente problemática porque apaga a

dimensão intelectual do protagonismo negro e obscurece o fato de que, no Brasil, foram sujeitos negros e movimentos negros que formularam algumas das críticas mais agudas ao racismo, à desigualdade e à própria noção de nacionalidade.

A bibliografia sobre intelectuais negros e movimento negro contemporâneo permite deslocar esse enquadramento. Abdias Nascimento, em sua crítica contundente ao genocídio do negro brasileiro, não se limitou a denunciar a violência racial; ele formulou uma interpretação estrutural da dominação, articulando racismo, Estado e projeto nacional (Nascimento, 2016). Beatriz Nascimento, por sua vez, pensou o quilombo não apenas como refúgio histórico, mas como categoria política e epistemológica, capaz de iluminar outras formas de organização social negra e outras temporalidades de liberdade (Nascimento, 2022). Lélia Gonzalez elaborou uma crítica sofisticada ao racismo, ao sexismo e às hierarquias da cultura brasileira, propondo a noção de amefricanidade como ferramenta teórica para pensar a constituição histórica da América Latina a partir da experiência negra e indígena (Gonzalez, 2020). Amílcar Araújo Pereira mostrou que o movimento negro contemporâneo no Brasil não pode ser reduzido a mobilização espontânea: trata-se de um campo de produção política, discursiva e organizativa que disputou os sentidos da democracia racial e da cidadania racializada (Pereira, 2010). Antonio Sérgio Guimarães, por sua vez, demonstrou que a formação racial brasileira precisa ser pensada em chave histórica e política, e não como dado natural, ao passo que Petrônio Domingues, em diálogo com Flávio Gomes, ressaltou a centralidade das experiências de pós-abolição na reorganização de agendas negras e antirracistas (Gomes; Domingues, 2014). Por fim, a produção dos Racionais MC's evidencia que o pensamento negro não se restringe ao campo universitário: ele circula também pela

música, pela poesia, pela oralidade e pela cultura periférica, produzindo diagnósticos sociais de grande densidade crítica (Racionais MC's, 2018).

Este artigo parte dessa bibliografia para sustentar uma tese central: o protagonismo negro não é apenas reação ao racismo; é produção ativa de conhecimento, cultura e projeto político. Em vez de pensar os sujeitos negros apenas como agentes de resistência, propõe-se compreendê-los como autores de conceitos, organizadores de agendas, intérpretes do país e formuladores de horizontes históricos. O objetivo é demonstrar como intelectuais e movimentos negros produziram, ao longo dos séculos XX e XXI, não só denúncia, mas linguagem teórica, institucionalidade política e imaginação de futuro. Para isso, o texto está organizado em quatro movimentos: primeiro, discute-se a insuficiência da categoria de resistência como única chave de leitura; depois, examina-se a produção teórica de Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento; em seguida, aborda-se Lélia Gonzalez, o movimento negro e a formulação de agendas coletivas; por fim, analisa-se a produção dos Racionais MC's como forma de intelectualidade negra e periférica. Ao final, retoma-se a ideia de que o protagonismo negro é uma disputa pela própria definição de teoria, política e história no Brasil.

2. PARA ALÉM DA RESISTÊNCIA: PROTAGONISMO NEGRO COMO AUTORIA HISTÓRICA

Pensar o protagonismo negro apenas como resistência implica, muitas vezes, uma espécie de captura semântica. A resistência é fundamental, sem dúvida, porque nomeia a persistência de sujeitos que enfrentam estruturas de dominação. No entanto, quando ela se torna a única categoria disponível, o protagonismo negro é reduzido

a uma função defensiva. Desaparece, então, aquilo que os intelectuais e movimentos negros produziram de mais decisivo: conceitos, diagnósticos, agendas, instituições e formas de imaginar o futuro.

A história do pós-abolição brasileiro é particularmente reveladora nesse sentido. A abolição da escravidão não significou integração social automática, nem reconhecimento político da população negra. Pelo contrário, o fim formal da escravidão foi acompanhado pela persistência de mecanismos de exclusão, pela precarização da vida negra e pela construção de narrativas nacionais que minimizavam a violência racial. É justamente nesse contexto que o protagonismo negro se organiza como resposta histórica complexa: não apenas protestando, mas produzindo formas de inteligibilidade do social. Gomes e Domingues (2014) mostram que as experiências de abolição e pós-emancipação produziram legados políticos duradouros, em torno dos quais se constituíram práticas, discursos e demandas negras. Assim, o protagonismo negro deve ser lido não como exceção, mas como parte estruturante da vida política brasileira.

Antonio Sérgio Guimarães (2021) ajuda a aprofundar essa discussão ao demonstrar que a formação racial brasileira é uma construção histórica, atravessada por modernidades negras e por disputas de representação. Sua abordagem contribui para romper com a ideia de que o negro seria apenas objeto de classificação sociológica ou antropológica. Ao contrário, o próprio modo como o Brasil pensa raça foi tensionado e reconfigurado por intelectuais, artistas e movimentos negros. A produção negra não está apenas fora da teoria dominante; ela a obriga a se deslocar.

Nessa perspectiva, protagonismo negro não é sinônimo de visibilidade ocasional. É uma prática de autoria histórica. Significa produzir linguagem para nomear a experiência racial, instituir novos repertórios de ação coletiva e disputar os critérios pelos quais uma sociedade define o que é conhecimento legítimo. Essa deslocação é decisiva porque permite compreender intelectuais e movimentos negros como produtores de teoria social, e não apenas como objetos de análise sociológica.

3. ABDIAS NASCIMENTO E BEATRIZ NASCIMENTO: QUILOMBO, ESTADO E LIBERDADE NEGRA

Abdias Nascimento ocupa lugar central na história do pensamento negro no Brasil porque sua obra articula denúncia, teoria e projeto político de modo inseparável. Em *O genocídio do negro brasileiro*, ele não descreve apenas a violência racial; ele a interpreta como processo estrutural de eliminação física, simbólica e política da população negra (Nascimento, 2016). O uso do termo “genocídio” é decisivo porque rompe com explicações suavizantes do racismo e recoloca o Estado, a estrutura social e a ideologia nacional no centro da análise. Abdias não pensa o negro como sujeito marginal que pede inclusão; pensa-o como sujeito submetido a um sistema de destruição histórica. Sua crítica é, portanto, não apenas moral, mas teoricamente contundente.

Além disso, a formulação do quilombismo em sua trajetória intelectual projeta uma visão alternativa de organização social negra. O quilombo deixa de ser apenas abrigo contra a escravidão para se tornar princípio de autonomia, coletividade e resistência institucional. Nessa formulação, o protagonismo negro ganha densidade política porque deixa de se referir apenas ao

enfrentamento do racismo e passa a apontar para a construção de outro modo de organizar a vida social. O quilombo, como conceito, torna-se um horizonte de sociedade.

Beatriz Nascimento aprofunda e complexifica esse legado ao deslocar o quilombo para o centro de uma reflexão sobre memória, territorialidade e continuidade histórica. Em *O Negro Visto por Ele Mesmo*, sua perspectiva é profundamente inovadora porque faz do quilombo uma categoria de pensamento, não apenas um fato do passado (Nascimento, 2022). A autora mostra que o quilombo não pertence exclusivamente à história colonial, mas persiste como forma de organização negra em diferentes tempos e espaços. Sua análise tem potência porque transforma o quilombo em linguagem para pensar liberdade, coletividade e identidade negra em chave não subordinada.

O que une Abdias e Beatriz é a recusa em aceitar a posição passiva atribuída historicamente à população negra. Ambos produzem teoria a partir da experiência negra e transformam essa experiência em instrumento analítico e político. Em vez de buscar apenas reconhecimento no interior da ordem estabelecida, eles propõem outro vocabulário para pensar Estado, sociedade e liberdade. É por isso que suas obras continuam centrais: não são apenas testemunhos de luta, mas matrizes de pensamento.

4. LÉLIA GONZALEZ, MOVIMENTO NEGRO E A PRODUÇÃO DE AGENDAS POLÍTICAS

Se Abdias e Beatriz recolocam quilombo, Estado e liberdade no centro do debate, Lélia Gonzalez introduz uma inflexão decisiva ao articular raça, gênero, cultura e linguagem numa crítica de grande

alcance ao Brasil e à América Latina. Em *Por um feminismo afro latino americano*, sua obra evidencia que o racismo brasileiro não pode ser lido sem a dimensão de gênero e sem o lugar das mulheres negras como produtoras de pensamento e ação política (Gonzalez, 2020). Lélia não se limita a denunciar desigualdades; ela formula categorias, desloca a teoria feminista hegemônica e reinscreve a experiência negra na produção de conhecimento. Sua noção de amefricanidade, em particular, é uma das contribuições mais importantes do pensamento social negro porque recusa a centralidade eurocêntrica da América Latina e propõe compreender o continente a partir das matrizes africanas e indígenas que o constituem.

A relevância de Lélia para este artigo está em mostrar que o protagonismo negro também se expressa na capacidade de produzir agendas políticas amplas. O movimento negro contemporâneo, em diálogo com intelectuais como ela, não se limitou à denúncia do racismo: produziu reivindicações em torno de educação, identidade, cultura, representação, direitos e políticas públicas. Amilcar Araújo Pereira (2010) demonstra que o movimento negro contemporâneo no Brasil foi fundamental para reorganizar o debate público sobre raça, deslocando a retórica da democracia racial e impondo ao Estado a necessidade de enfrentar desigualdades estruturais. O movimento negro, portanto, não é apenas reação; é campo de formulação política.

Essa produção de agenda aparece com força nas disputas pela educação antirracista, pelo reconhecimento das culturas negras e pela inserção do debate racial nas instituições públicas. Ao longo do século XX e início do XXI, militantes e intelectuais negros transformaram experiências dispersas em linguagem política

articulada. O que antes poderia ser lido como queixa localizada torna-se projeto de intervenção social. É nesse ponto que o protagonismo negro revela sua potência histórica: ele não apenas denuncia o mundo como está; ele imagina o mundo como poderia ser.

A articulação entre pensamento e movimento também é evidente quando se observa que a produção teórica negra nunca esteve confinada à universidade. Muito antes de a academia reconhecer a centralidade das questões raciais, intelectuais negros já elaboravam interpretações do país em jornais, organizações, associações, festas, rodas de conversa, atos políticos e manifestações culturais. O movimento negro, nesse sentido, é também um espaço de elaboração teórica coletiva.

5. RACIONAIS MC'S E A INTELLECTUALIDADE NEGRA PERIFÉRICA

A inclusão dos Racionais MC's como referência neste debate não é casual. Ela responde a uma mudança importante no modo de compreender a produção de conhecimento no Brasil. O pensamento negro não se expressa apenas em livros acadêmicos ou ensaios clássicos; ele também se formula em canções, álbuns, performances e linguagens da periferia. *Sobrevivendo no inferno* é exemplar nesse sentido porque articula crítica social, denúncia do genocídio da juventude negra, reflexão sobre violência estatal e construção de uma ética coletiva de sobrevivência e dignidade (Racionais MC's, 2018).

Ler os Racionais apenas como expressão musical seria reduzir o alcance de sua obra. Suas letras produzem diagnósticos sobre racismo, desigualdade, encarceramento, religiosidade,

masculinidade, cidade e Estado. Em muitos momentos, o grupo formula uma gramática política da periferia negra que dialoga diretamente com o pensamento social negro produzido em outros campos. Isso mostra que a intelectualidade negra é plural e atravessa diferentes linguagens. A música, nesse caso, não é mera ilustração da teoria; ela própria é teoria em ato.

Esse ponto é especialmente importante porque amplia o conceito de protagonismo negro. Não se trata apenas de reconhecer grandes nomes da produção intelectual tradicional, mas de entender que o pensamento negro se dissemina por uma ecologia diversa de práticas culturais. Os Racionais MC's são, nesse sentido, uma forma de intelectualidade periférica e negra que articula experiência vivida, crítica estrutural e imaginação política. Suas letras não se limitam a narrar a violência: elas interpretam a violência como sistema e, ao mesmo tempo, produzem formas de pertencimento e resistência coletiva.

A presença dos Racionais no debate sobre protagonismo negro também ajuda a deslocar a fronteira entre cultura e política. Em sua obra, a arte é instrumento de denúncia, mas também de formulação de consciência. Isso confirma uma tese mais ampla deste artigo: o protagonismo negro é inseparável da produção de linguagens capazes de nomear o mundo e de disputar o futuro.

6. DISPUTAS DE FUTURO: MEMÓRIA, POLÍTICA E PRODUÇÃO DE MUNDO

A principal consequência de ler o protagonismo negro como produção de teoria é perceber que a luta política negra sempre esteve ligada à disputa de futuro. Abdias, Beatriz, Lélia, o movimento

negro contemporâneo e os Racionais MC's não apenas reagiram ao racismo; eles formularam horizontes de sociedade. Em diferentes registros, todos eles propuseram formas de reorganizar a memória, a política e a vida coletiva a partir da experiência negra.

Essa dimensão de futuro é central porque impede que o protagonismo negro seja capturado pela lógica do reconhecimento simbólico vazio. O que está em jogo não é apenas ser lembrado, mas transformar as condições de possibilidade da vida social. Em *Modernidades negras*, Guimarães (2021) ajuda a compreender que a formação racial brasileira não é estática, e que suas transformações estão ligadas às lutas, interpretações e tensões produzidas por sujeitos negros. O protagonismo, nesse sentido, não é exceção: é força histórica que remodela a sociedade.

Do mesmo modo, Gomes e Domingues (2014) mostram que as experiências de pós-abolição legaram não apenas exclusão, mas também repertórios de mobilização que continuam a ser atualizados. Butler e Domingues (2020), ao pensar as diásporas imaginadas, reforçam que as conexões negras não se esgotam no passado, mas seguem produzindo novas possibilidades de pertencimento e ação política. A diáspora, o movimento negro, o pensamento feminista negro, a poesia, a música e a reflexão acadêmica compõem, juntos, um campo de disputa sobre o que o Brasil foi, é e pode se tornar.

Assim, falar em protagonismo negro é falar de memória, mas também de projeto. É reconhecer que os sujeitos negros não apenas resistem ao mundo existente; eles inventam as condições de outro mundo possível. E é justamente essa capacidade de invenção que torna sua história decisiva para compreender o Brasil.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou demonstrar que o protagonismo negro, nos séculos XX e XXI, não pode ser reduzido à ideia de resistência. Embora a resistência seja dimensão incontornável da experiência negra no Brasil, ela não esgota a amplitude da ação histórica de intelectuais, artistas e movimentos negros. Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Amilcar Araújo Pereira, Antonio Sérgio Guimarães, Petrônio Domingues e os Racionais MC's, em registros distintos, mostram que a população negra não apenas suportou a violência racial, mas produziu teoria, agenda política, linguagem estética e projetos de sociedade.

A tese defendida ao longo do texto é que o protagonismo negro é produção ativa de conhecimento, cultura e futuro. Isso implica reconhecê-lo como autoria histórica e como força estruturante do pensamento social brasileiro. Longe de serem marginais, as interpretações negras do Brasil ajudam a redefinir o próprio campo da teoria social, desafiando as narrativas hegemônicas que tentam reduzir a experiência negra à condição de objeto passivo.

Ao recolocar a produção intelectual negra no centro da análise, este artigo também afirma uma consequência política importante: não há futuro democrático para o Brasil sem a centralidade das ideias, das lutas e das criações negras. O protagonismo negro, portanto, não pertence apenas ao passado de resistência; ele é uma prática contínua de invenção de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Kim; DOMINGUES, Petrônio. *Diásporas imaginadas*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro latino americano*. Org. Flávia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. *O Negro Visto por Ele Mesmo*. Org. Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

PEREIRA, Amilcar Araújo. *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Niterói: Ed. UFF, 2010.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.